ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

MODERNIDADE *VERSUS* PÓS-MODERNIDADE: O SUJEITO (E SUAS VOZES) NA ERA DA CONTRADIÇÃO

Modernity versus post-modern: the subject (and their voices) in the age of contradiction

Fernando Henrique Ribeiro Lima[i]
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO: O presente trabalho visa refletir sobre a importância das vozes que emanam da consciência do sujeito tradicional no conturbado contexto pós-moderno e, refletindo sobre a produção literária, perceber como a ideia de relatividade está marcada nas diferentes relações forjadas pelo capitalismo e seus sujeitos criados. Para tanto, objetiva-se apresentar uma leitura de sociedade e sujeito à luz do projeto da pós-modernidade de Santos (1996) e sua conjuntura elementar para o corpo das ciências humanas. Além desse aspecto teórico, buscou-se entender a multiplicidade de vozes que agem na construção histórica do sujeito e de sua identidade. Esses preceitos foram analisados no conto machadiano "O Espelho" no que se pode observar as movimentações do sujeito na leitura social que se pretendeu fazer no corpo teórico. Para tanto, o papel das experiências do sujeito ganhou destaque. Desse modo, chegou-se à conclusão que o sujeito está imerso em uma grande relatividade e sua existência é *a priori* condicionada enquanto agente social situado em um grande contexto social instável e transitório.

Palavras-chave: Modernidade. Pós-modernidade. Sujeito.

ABSTRACT: This paper aims to reflect on the importance of voices emanating from the consciousness of the traditional subject in the troubled post-modern context, and reflecting on literary production, to see how the idea of relativity is marked in different relationships forged by capitalism and its subjects created. Therefore, the objective is to present a reading society and subject in the light of the post-modern design of Santos (1996) and its elementary environment for the body of the human sciences. In addition to this theoretical aspect, we sought to understand the multiplicity of voices that act in the historical construction of the subject and its identity. These principles were analyzed in Machado's short story "The Mirror" in which one can observe the movements of the subject in social reading that is intended to make the theoretical body. Therefore, the role of the subject's experiences gained prominence. Thus, we come to the conclusion that the subject is immersed in a large relativity and its existence is a priori conditioned as a social agent situated in a large social context unstable and transitory.

Keywords: Modernity. Post-modernity. Subject.

Considerações iniciais

As diferentes ideias de sociedade intercalam os elementos da cultura, da tradição e das experiências como elementos simbólicos que colaboram para construir um panorama eficaz para se entender o humano, o político e o social. Ocorre que até mesmo em épocas de crise – como é o caso da transição social entre modernidade e pós-modernidade que se

pretende discutir neste texto – é elementar que as ciências humanas voltem suas reflexões para o ideal de sujeito que figura nesse contexto.

Pensar sobre o ser humano e as suas diferentes relações sociais é uma premissa que garante a compreensão dos sistemas de produção e, automaticamente, possibilita uma leitura sólida de toda a conjuntura social que orienta tanto o sujeito quanto as suas escolhas em uma dada sociedade.

Desse modo, esta reflexão está marcada por três momentos. O primeiro momento se preocupa com a construção da ideia de contexto moderno e pós-moderno e a concepção de transição adotada para este texto. No segundo momento, tendo já claro o conceito de sociedade e a ideia de transição, torna-se importante pensar sobre a identidade capitalista e sua determinação na construção do sujeito. Depois de uma leitura capitalista é possível perseguir um sujeito marcado pela polifonia bakhtiniana e os dilemas que colocam o ser em uma dada posição social (projetar-se). No terceiro momento é possível investigar como a sociedade reflete e refrata essa condição de sujeito histórico frente às necessidades do pós-modernismo para assim pensar sobre a dialética proposta entre sujeito-sociedade-sujeito diante do corpo cultural significado pelos modelos pós-modernos.

O contexto pós-moderno e a ideia de transição

A existência da pós-modernidade por muito tempo tem sido o objeto de preocupação de muitos estudiosos ligados à cultura, pois o fato de romper com a modernidade e criar novos mecanismos de pensar a cultura e significar a sociedade incomoda a ideia estática e controladora de alguns princípios como o Mercado, a Ciência e o próprio Estado.Contextualmente, a modernidade está ligada ao desenvolvimento do capitalismo e todas as suas relações mercadológicas sustentam a existência de seu pensamento. Esse ideal de modernidade se encontra nos seus balanços de fracasso no século XIX e já não mais caracteriza essa sociedade emergente do século XX que surge com um aglomerado de promessas e novos conceitos que primam pela superação dos modelos e paradigmas vigentes.

> Eu próprio escrevi que o século XX corria o risco de não começar nunca ou, em todo o caso, de não começar antes de terminar [...] a mesma convicção tem estado presente, consciente ou inconscientemente, nos muitos balanços do século que, um pouco por toda a parte, se têm vindo a fazer. Apropriando para si uma condição social que tornou possível

> para todos nós, o século XX parece estar disposto a gozar a terceira idade em plena actividade e, mais do que isso, a desfazer, entre o sonho e o pesadelo, as verdades que se tinham por feitas a seu respeito (SANTOS, 1996, p. 69-70).

É nesse cenário que desponta a noção de projeto de pós-modernidade, pois em meio à instabilidade do século XX desperta uma visão pessimista quanto aos avanços científicos do modelo desenvolvimentista criado para esse novo momento da civilização. Então se justifica a tese de que as relações mercadológicas já não surtem mais efeitos, o que nos leva a pensar sobre os valores éticos e os conceitos de Ciência e Estado que igualmente não se mantinham. Por esses motivos, esse novo século não se mostrava promissor o suficiente para ser reconhecido como pós-modernidade, pois continha em si o embrião de um pensamento capaz de refletir sobre a condição sócio-histórica que se vinha desenhando por elementos chamados de regulação como (a) o Mercado, (b) a Comunidade e (c) o Estado (SANTOS, 1996, p. 71).

Nesse contexto que se fortalecera por anos, os instrumentos de regulação mencionados se tornaram vozes agudas na manutenção da sociedade e eles surtiram grandes efeitos e impactos suficientemente capazes de manter a regularidade das forças sociais tendo como premissas: **o Mercado** na forma da força de consumo que incute necessidades mercantis e padrões de vida além de estabelecer mecanismos desastrosos de competição e concorrência mediados pelo eixo capitalista onde o lucro toma a voz; **a Comunidade** em que se pesam as forças sociais e os estranhos modos de comportamento das classes com seus interesses e utopias que lhes são vendidos, sobretudo pelo último pilar tratado a seguir; **o Estado** com forma doutrinadora e todo o conjunto de aparelhos reguladores e mecanismos coercitivos que garantem a supremacia da política que advoga em favor da minoria e acaba por incutir aspectos que contribuem para a secção histórica das classes e manutenção do poder que, mesmo na chamada democracia, ainda se veste da couraça da centralidade.

Na visão de Santos (1996), esses aspectos significaram a existência humana na chamada modernidade por muito tempo e, talvez, esses mecanismos estejam perdendo a sua validade, mas a relação entre o moderno e o pós-moderno acaba sendo uma viciosa contradição, isso porque não se diz que há uma ruptura total como pressupõem alguns estudos, ou seja, o passado não simplesmente se fez novo, mas também esse mesmo passado chamado modernidade não tem força suficiente para manter o *status quo* de quem vai resolver os problemas de identidade

cultural temporal. Trata-se, então, de uma situação de transição em que há momentos de ruptura e momentos de continuidade.

Em caráter de síntese, nesse turbilhão de concepções que tentam petrificar a noção de pós-modernidade, Santos (1996) afirma que há um projeto que aponta para os ideais de transcendência da modernidade, logo, pós-modernidade. Esse projeto tem as suas bases reguladas ainda por pilares ortodoxos demais, tanto que o conservadorismo cultural frustra o caráter pós-moderno e o reduz a um projeto de pós-modernidade.

Santos (1996) identifica que o projeto sócio cultural da modernidade é caracterizado, em sua matriz, por um equilíbrio entre regulação (Mercado, Comunidade e Estado) e emancipação. O pilar da emancipação (o segundo pilar) seria constituído por três lógicas da racionalidade, a saber: (a) a racionalidade estético-expressiva da arte da literatura, que estaria ligada diretamente ao princípio da comunidade no pilar da regulação; (b) a racionalidade moral-prática da ética e do direito, que se articularia com o princípio do Estado; e (c) a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da técnica, que seria ligada privilegiadamente com o princípio do mercado.

Para esta caracterização de sociedade importa mais propriamente uma consideração dos pilares da regulação, estes que por muito tempo significaram as relações sócio-históricas e que, como bem se sabe, dificilmente serão esvanecidos do corpo social, até porque deles depende uma ordem socialmente estabelecida.

Essa sociedade de transição que se sustenta sobre os pilares acima tratados é uma construção hermética e absoluta capaz de converter a população e vender os dogmas de uma sociedade que é marcada pela eterna contradição. Os critérios políticos e sociais são a maior prova do quanto a contradição acaba sendo um elemento infeliz e constante nas relações criadas socialmente.

Segundo Hall (2002) esse processo histórico-social produz o sujeito distante de uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade, portanto,torna-se uma celebração móvel que pode ser formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais os indivíduossão representados ou interpelados nos sistemas culturais.

Esse contexto define os indivíduos historicamente e não biologicamente o que faz com que o sujeito assuma identidades diferentes em diferentes momentos históricos e que não estão unificadas em torno da construção pragmática do "eu".

Hall (2002, p. 56) assinala que:

> Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu".

A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

A noção de multiplicidade do sujeito é uma evidência teórico-prática dessa realidade social de transição e como o eixo da modernidade já não resiste mais às novas inserções no campo da cultura, do desenvolvimento científico e social, o projeto da pós-modernidade concebe um homem que resiste às vozes inovadoras e instáveis deste contexto e passa a figurar entre o sujeito tradicional com princípios modernos ou partir para o experimental campo da concepção do sujeito pós-moderno.

O jogo de sujeitos *versus* almas: a crise de identidade em uma sociedade de transição

Levantada a concepção de sociedade pela leitura de uma teoria que acredita na transição e vê as luzes de um contexto pós-moderno através de um projeto que se constitui paulatinamente ao longo dos anos, procura-se, neste item, recuperar e desenhar a figura do sujeito inserido nesse contexto.

Santos (1996, p. 91-92) pontua que as lacunas deixadas pelo capitalismo e algumas de suas promessas não cumpridas são o que fez da modernidade uma verdadeira situação problemática e o sujeito fundado nesse *locus* está *a priori* imerso nesse jogo onde o capitalismo vence as forças de resistência porque soube forjar uma luta acima de tudo ideológica.

> O vazio que ele [o capitalismo] produz é tão global que não pode ser preenchido no contexto do paradigma da modernidade. Isto explica que a pujança do capitalismo, enquanto sistema econômico, corra de par com a fraqueza ideológica de muitos dos seus princípios e que, quanto maior é esta fraqueza, mais fraco (e não mais forte, como seria de

> prever) é o apelo ideológico dos princípios que se lhe deviam opor, os princípios do socialismo.

Esse contexto não conduz a outra reflexão que não seja pontualmente o papel do sujeito em meio a essa turbulenta transição. Por assim dizer, a noção de sujeito também pode ser associada a uma noção de transição, até porque o sujeito – aqui entendido não mais como um indivíduo medieval – traz consigo uma multiplicidade de intenções que marca a vulnerabilidade dos papéis sociais frente àquilo que se pode chamar de 'interior' ou, na visão de Santos (1996), os princípios para os quais há tanta necessidade de se recorrer.

A sociedade funda os seus princípios e não é ao acaso que isso acontece, assim como não é por acaso que o homem tem uma variedade de condutas por estar nesta ou naquela situação. Sobre isso se pode pensar sobre a materialidade, a essencialidade e a dicotomia eterna entre ambos; esse caráter polifônico de ser é o que garante ao sujeito a capacidade de não ser apenas um, mas uma duplicidade de sujeitos que se alternam nas diferentes situações. A materialidade é a forma humana trabalhada pelo contexto, é o que satisfaz as necessidades fugazes do homem e a ele dá o *pseudo* poder de dominação. Já quanto à essencialidade, esta diz respeito ao conjunto de comportamentos socialmente dirigidos pelas crenças e policiados pelos valores vigentes ou arcaicos, mas de qualquer maneira, valores. Seja na forma do material ou na inspiração da essência, o sujeito vive o dilema de ecoar as vozes de um sujeito tradicional no conturbado contexto pós-moderno.

Essa dicotomia entre ser ontem e ser hoje fornece um amplo campo de investigação para a área de humanidades, pois um contexto que se diz pós-moderno está intimamente ligado (muito mais do que se imagina) aos preceitos ideológicos e existenciais que foram por muitos séculos assinalados no contexto moderno que ora é (re)significado pelo pós-modernismo.

A reflexão que ora se pontua é a existência de elementos que figurarão eternamente na (re)construção da cultura. No projeto de pós-modernidade de Sousa Santos esse novo sujeito que está prestes a vir à luz traz consigo o gene do tradicionalismo/conservadorismo moderno nas mais diversas concepções como na ética, na ciência, na área das humanidades e da filosofia, por exemplo, e esse cenário é verdadeiramente construído para o hipotético diálogo entre as formas para que o sujeito seja capaz de entender a gênese de seu pensamento.

Conforme Santos (1996, p. 97):

> Tal como os romances de Dostoievsky, segundo Bakhtin, temos de aprender a ser polifônicos. É evidente que a polifonia é contra as verdades fortes. E ainda bem, pois mais vale uma verdade na mão da retórica prudente e democrática que duas a voar no vazio da apodíctica imprudente e autoritária [...] a grande oportunidade criada pelas transformações presentes é que a relação forma/conteúdo tem vindo a alterar-se na medida em que os conteúdos se transformam em duplos das formas ou mesmo em outras formas. Torna-se, assim, mais fácil recuperar formas degradadas, e quanto maior for o diálogo entre as formas mais informal e democrático será esse diálogo. Nas condições presentes de transição, a atenção deve ser concentrada na capacidade de ver o formal no informal e o informal no formal.

Assim, em meio a essa grande dicotomia não somente da ideia de sociedade, mas também da concepção de sujeito, tudo o que é díspar pode ser reunido em um ideal capaz de figurar nas diferentes camadas e segmentos sociais.

Ao mencionar Bakhtin, Santos (1996) insere a polifonia como uma moralidade prática na construção do projeto de pós-modernidade. É a polifonia que garante ao homem a união entre tradicionalismos da modernidade e a perspectiva social emergente do pós-modernismo.

É bem verdade que Bakhtin (1929) cria a categoria polifonia para analisar a obra de Dostoievsky e sua ênfase está no critério da imiscibilidade das vozes que, além disso, são também plenivalentes. Logicamente que por ser uma categoria criada para uma finalidade bem específica, não se pode aplicá-la da mesma forma em outro contexto, entretanto, cabe-nos tecer algumas reflexões para melhor se entender a categoria de sujeitos e almas.

A ideia de sujeito neste momento de transição entre modernidade e pós-modernidade dá uma ideia de inconstância. Na categoria polifonia há uma forte referência a esse momento que ora se pontua na sociedade, isso porque o homem está marcado por um duelo de existências em que o sujeito social é sempre diferente do sujeito individual. Essa distância está marcada justamente na sociedade e tem a sua justificativa nas diferentes relações de poder, nas relações moral-ética e, sobretudo, no grande divisor de águas que é o mercado. Outra vez essa voz capitalista que sustentou integralmente o paradigma da modernidade ressurge para significar uma segunda voz com que o sujeito passa a ter de aprender a conviver.

Entretanto, é como se o sujeito figurasse entre duas personalidades/identidades e esses dois sujeitos contidos em um mesmo indivíduo sequer se alternam, mas são simultâneos, igualmente intensos,

eles coexistem, portanto, polifônicos. Mesmo diante da dificuldade da modernidade e da pós-modernidade em aceitar a polifonia do sujeito, é exatamente na negação desses dois contextos que reside a inegável condição de laboratoriedade da personalidade humana o que confirma o caráter da mutabilidade eterna.

Desse contexto origina uma crise de identidade que acaba por distanciar a pós-modernidade. Essa crise está na dificuldade encontrada pelo sujeito em exercer o seu papel sem reportar-se aos costumes que pela lógica ficariam aprisionados na modernidade. Esse retrocesso a um sujeito tradicional repele por completo o corpo da ideologia de um sujeito pós-moderno.

Os limites da alma humana sob o viés da polifonia bakhtiniana

A leitura de sociedade em transição e a composição de um sujeito com suas raízes fundadas no tradicionalismo da modernidade geram um efeito que funde o dever de projetar-se em um futuro incerto e o apego à resistência em virtude dos costumes e os modelos do racionalismo moral e ético que por muito tempo vigoraram nas sólidas bases do pensamento moderno. Essa referência concreta evidencia um recorte temporal essencialmente determinado pelo materialismo das ideias, valores e padrões sociais.

Vistos no texto literário, é possível perceber o quanto essa dicotomia existente entre *projetar-se* e *manter-se no tradicionalismo* vem crescendo e tomando significado na constituição do sujeito desde muito tempo e, ao que tudo indica, os modelos estáveis de literatura que lidam com a contradição tendem sempre a inferir também noções de tradição na leitura que fazem do sujeito diante dos desafios do seu tempo, já que não tem sido claro o caminho que a literatura busca desenhar para a pós-modernidade.

Além disso, é necessário ter claro que o problema enfrentado pelos sujeitos nessa sociedade de transição deve ser observado com ênfase no mesmo princípio da transição, talvez essa irracionalidade global marca o problema do sujeito que ainda está dividido entre duas condições sócio-históricas. Para Santos (1996) essa legitimidade ideológica só é possível no âmbito de outro paradigma[1], cujos sinais de emergência começam a acumular-se.

[1] Para os efeitos de sentido necessários a este trabalho, Santos (1996; 2003) considera os paradigmas como modelos de produção do conhecimento durante um período. Essa noção de temporalidade paradigmática é importante para esta discussão ao passo que dá a margem

Assim, essa eterna briga consigo mesmo que marca a posição do sujeito é uma vereda em si problemática, tanto do ponto de vista da ética quanto de sua própria condição cultural e cujo fim ainda precisa de uma solução estável e centrada nessa individualidade, portanto, soluções locais.Para Santos (1996, p. 99).

> As mini-racionalidades pós-modernas estão, pois, conscientes dessa irracionalidade global, mas estão também conscientes que só a podem combater localmente. Quanto mais global for o problema, mais locais e mais multiplamente locais devem ser as soluções. Ao arquipélago estas soluções eu chamo socialismo. São soluções movediças, radicais no seu localismo.

Frente a esta realidade, o sujeito mergulha em sua própria condição sócio-histórica para buscar uma referência de comportamento que lhe permita viver bem consigo mesmo e com a sociedade que ainda é controlada exatamente conforme fora na modernidade. O projeto de pós-modernidade não conta com as vozes que ecoam na alma e que vivificam a todo o instante os valores que perduram na tábua da existência humana, talvez porque esses valores sejam capazes de converter os sujeitos e dogmatizá-los.

Desse modo, a alma humana desenha seus limites e a ética que emerge dessa sociedade em transição ainda não tem fôlego para ditar os limites da ação do sujeito e não raro o indivíduo acaba sendo acometido pelos princípios reguladores da modernidade.

A alma humana quando materializada na figura do narrador do texto literário explicita bem essa noção de que tratamos acima. Tanto que a alma humana observada pelo próprio homem revela o medo e a angústia que o sujeito esconde e, para isso, as soluções locais, isto é, a mudança que parte de dentro para fora, são a forma mais viável de se resolver essa dicotomia.

Cortázar (2006) contribui para esta discussão ao abordar o núcleo narrativo do conto quando trata de sua forma fechada assinalada enfaticamente na estrutura esférica em que o autor vai até o limite da narrativa. Essa afirmativa importa para esta discussão ao tomar o conto e sua estrutura literária para buscar um elemento criado para analisar o romance. Tomemos o problema da narrativa e, mais especificamente no conto "O Espelho", de Machado de Assis, a forma como o autor constrói um herói representativo de uma sociedade e ao mesmo tempo distante do ideal comum de sujeito.

necessária para a compreensão da mutabilidade paradigmática dentro de uma concepção que os paradigmas mudam conforme o homem evolui o seu pensamento.

> A noção de pequeno ambiente dá um sentido mais profundo ao conselho, ao definir a forma fechada do conto, o que já noutra ocasião chamei sua esfericidade; mas a essa noção se soma outra igualmente significativa, a de que o narrador poderia ter sido uma das personagens, vale dizer que a situação narrativa em si deve nascer e dar-se dentro da esfera, trabalhando do interior para o exterior, sem que os limites da narrativa se vejam traçados como quem modela uma esfera de argila. Dito de outro modo, o sentimento da esfera deve preexistir de alguma maneira ao ato de escrever o conto, como se o narrador, submetido pela forma que assume, se movesse implicitamente nela e a levasse à sua extrema tensão, o que faz precisamente a perfeição da forma esférica (CORTÁZAR, 2006, p. 228).

Machado de Assis assim o fizera no conto "O Espelho", publicado originalmente em 1882 no livro *Papéis avulsos*. No conto, a visão de Cortázar se confirma ao perceber que Machado unifica narrador e personagem, mas ao mesmo tempo os distancia no interior da própria obra e mais, Machado ainda lida diretamente com uma ruptura de esferas quando entra no campo metafísico das infindas investigações acerca da alma humana.

O narrador-protagonista – Jacobina – encontra-se em uma reunião de intelectuais em que se presa pela arte da dialética. O espaço é fechado, as ideias dos personagens são fechadas, mas talvez tudo não mais se mantivesse assim depois de uma profunda reflexão sobre a alma humana. Nesse contexto, o protagonista, que nunca se manifesta por não gostar do método de debate, pronuncia-se e diz que os humanos têm duas almas, uma interior e outra exterior. Em sua tese ele usa o exemplo próprio para exemplificar o que estava defendendo e assim diz sobre sua condição antes e depois de se tornar um alferes. Este posto militar trouxera-lhe um status surpreendente e passou a ser reconhecido com notabilidade pelos familiares e pela sociedade em que vivia.

> Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! Tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção (ASSIS, 1994, p. 27).

A narrativa mostra um sujeito jovem, de posição social inferior, mas que contou com o critério fantástico da mutação em que a mudança da

condição antecede a mudança da essência. Essa transição narrada por Jacobina que coincide com sua tese de que os sujeitos têm duas almas que coexistem designa um fato curioso: qual voz tem a prioridade? Não se sabe, e nem é possível perceber até que a sociedade em que o homem se insere tome corpo; é precisamente a sociedade que dá voz a esta ou àquela alma.

> O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios,fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?
> - Não.
> - O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado (ASSIS, 1994, p. 28).

A situação descrita por Jacobina evidencia a sucumbência de uma alma e a emergência de outra. A dupla existência de almas assinala um aspecto importante, a alma do alferes passou a figurar com maior ênfase, enquanto que a figura de Jacobina foi inferiorizada a ponto de desaparecer, essa conjuntura mostra claramente o quanto o contexto da posição social de destaque de Jacobina conferiu à sua alma um aspecto de destaque com que Jacobina estranhamente vai convivendo. Mesmo diante da fantasia e do frenesi que o narrador vivia ele não pode evitar que houvesse essa dissipação de sua alma interior, visto que rapidamente a alma exterior tomou força diante de tudo o quanto ele estava vivenciando.

Essa mudança de almas protagonizada por Jacobina não oculta uma preocupação do protagonista que reconhece a dispersão de sua alma interior no ar e no passado. A descrição valida a tese de que o anseio capitalista marcado pelo 'ter uma posição de destaque' se confronta radicalmente com a 'essência permanente' que se perdeu por uma situação transitória: a farda de alferes.

Tamanha foi a mudança de estado de Jacobina que o protagonista precisou aprender a conviver com o domínio de sua nova alma. Esse jogo de dominação de espaços que ocorria internamente é o que permite uma aproximação, mesmo que primitiva e *non sense*, da polifonia bakhtiniana.

Segundo Bakhtin (1929) a consciência do herói é dada como a outra, não se torna mero objeto da consciência do autor, não se fecha.

Logicamente que Bakhtin referia-se ao romance dostoievskiano; entretanto, existe uma similaridade, mesmo que mínima, com o herói machadiano. Entendendo o microuniverso do conto, Machado de Assis construiu Jacobina como um típico representante atemporal de um sujeito forjado pelos ideais capitalistas e que por sua vez foi forçado a projetar-se na forma de uma segunda alma – no caso a alma exterior – que foi o artifício que o tirou do anonimato.

> [...] e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer (ASSIS, 1994, p. 31).

O espelho surge como um importante elemento que assinala a divisão entre as almas interior e exterior. Mostra que sem o *status* que não é divino, mas evidentemente social e capitalista, a alma exterior dá lugar a não-alma interior. O protagonista vive o dilema da usurpação de sua alma interior e passa a viver o dilema de um esvaziamento de sua essência que só pode ser suprida novamente pelo seu uniforme de alferes. Os mecanismos psicológicos são acionados, mas não podem explicar o que é socialmente construído. O sujeito esvazia-se e dá lugar a um sujeito descaracterizado, disforme.

Traços de polifonia podem ser observados na leitura que se faz da personagem Jacobina, o rompimento de sua condição de inferior marcado pela posição de alferes ilustra claramente a mudança não somente do *status,* mas também de toda a essência que pode ser entendida como a alma do herói que, para Bakhtin (1929), é uma leitura de consciência imiscível. O conto ilustra essa imiscibilidade quando relata o estado de crise em que Jacobina se encontra ao perceber que sua alma interior foi corrompida e dissipada pela alma exterior.

Duas almas e um só contexto: uma leitura do ser e do ter

O contexto do conto O Espelho é marcadamente capitalista da forma mais avassaladora. As relações estabelecidas entre as personagens revelam a existência de um critério material – ou a figuração da aparência

– que se sobrepõe ao aspecto do ser. Não é por despretensão que o tempo psicológico alinear é empregado no conto na forma de narrativa de memórias possibilitando uma revisitação à própria história na figura da experiência pessoal, experiência esta que, segundo Adorno (2003), é uma identidade de experiência como um fator determinante na consagração do fato e, para além disso, o protagonista constrói uma história conduzida por um narrador com ideologia própria, que parte de suas experiências de sujeito para sustentar uma tese contrária a um pensamento coletivo.

> Essa atmosfera – de agitação e turbulência, aturdimento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, autoexpansão e auto-desordem, fantasmas na rua e na alma – é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna (BERMAN, 1986, p.18).

Esse contexto pontuado por Berman (1986) possibilita uma leitura do conflito interior vivido por Jacobina, pois o sentimento de turbulência que designa uma ideia de caos figura como a emergência de um retrocesso ao tradicional e ao mesmo tempo o protagonista se vê na impossibilidade de voltar, pois já não há mais espaço para a alma interior.

Essa desordem é provocada pela escolha feita em detrimento de um papel social e a mascaração de uma projeção que o sujeito fez de sua própria alma.

A postura marcada no conto O Espelho revisita o papel da experiência social e questiona o fundamento existencialista tradicional que toma corpo no discurso religioso há anos. A essência primeira da alma de Jacobina é surrupiada pela alma exterior, uma perda irreparável, mas consciente que o protagonista escolhe um caminho para que tenha acesso a uma condição que lhe movimente na direção do status almejado. Ocorre que o caráter questionador da existência de duas almas é válido no contexto capitalista e pressupõe a existência de uma ou de outra, isso faz uma referência direta à metamorfose, conforme pontua Berman (1986) que é no campo do infinito, do incomensurável onde reside a abertura dos caminhos; de fato, é preciso se perder para que se possa se achar, pois somente com a imersão da alma interior e a supremacia da alma superior é que Jacobina percebe o quanto já não havia mais uma essência, somente uma aparência.

De acordo com Barman (1986, p. 28):

> As massas não têm ego, nem id, suas almas são carentes de tensão interior e dinamismo; suas ideias, suas necessidades, até seus dramas "não são deles mesmos"; suas vidas interiores são

> "inteiramente administradas", programadas para produzir exatamente aqueles desejos que o sistema social pode satisfazer, nada além disso. "O povo se auto-realiza no seu conforto; encontra a sua alma em seus automóveis, seus conjuntos estereofônicos, suas casas, suas cozinhas equipadas".

Nas palavras de Berman (1986), percebe-se uma caricatura do que foi a transição do século XIX para o século XX. Uma típica representação marcada pelos interesses fundados nas concepções sociais que distanciam o ser e o ter, relações fundadas na ostentação que não raro subverte a verdadeira alma e cria razões próprias para construir o conjunto das crenças humanas voltadas ao materialismo.

A linha entre o ser e o ter se torna essencialmente tênue, de forma que o sujeito vive à mercê de uma existência cerceada pelos interesses mercantis que são injetados na vida cotidiana pelos princípios bem semelhantes aos pilares da regulação (Mercado, Comunidade e Estado).

Sujeito-sociedade-sujeito: a dialética da contradição

Visto sob o ângulo que se defendeu até este ponto, o sujeito é pontuado eternamente pelo gene da contradição não somente da alma – como uma metáfora machadiana – mas, sobretudo, visto em seu papel social. Toda a mudança do pensamento social põe em xeque o papel do sujeito frente ao que pensa da sociedade e de si próprio, uma vez que a transição social resulta mudanças significativas em tudo aquilo que diz respeito aos sujeitos.

No contexto do conto O espelho, a ideia de contradição – mesmo que à luz do materialismo se entende que Jacobina se descobre alferes – está assinalada na perspectiva da ausência da alma interior; essa situação introduz o problema da narrativa e, a exemplo metonímico, fenômenos desses ocorrem pelo menos algumas vezes na vida. Esse projetar-se da alma interior para a alma exterior é o que pressupõe a sociedade e aí reside um princípio dialético.

A tendência do modernismo, na leitura de Berman (1986) busca a violenta destruição de todos os nossos valores e se preocupa muito pouco em reconstruir os mundos que põe abaixo. Ora, dialético se torna o processo da perda de um estado da alma para a aquisição de uma nova alma e a síndrome de obsolescência diante do princípio da mudança e da não-contradição.

Todo sujeito constrói ao menos uma imagem de si. Essa imagem é projetada sempre de dentro para fora e seu reflexo se dá sempre à circunstância social que dá corpo às escolhas e ao papel social exercido

pelo sujeito. Esse movimento também é dialético, pois a transição da modernidade à pós-modernidade prega valores de contradição de si próprio em detrimento de uma nova conduta, já que o projeto da pós-modernidade requer um novo paradigma para substituir o arruinado modelo da modernidade.

As vozes que marcam a posição do sujeito não são inalteráveis, o pensamento do corpo social e das massas é vulnerável e os princípios reguladores – como já fora tratado no início deste estudo – são mecanismos eficientes na instauração da contradição dos sujeitos.

Nenhum corpo social é inerte, mas quanto mais se movimenta para negar as determinações do corpo social, mais impregnado pelos seus genes o sujeito se torna. A tradição da destruição da tradição, segundo Rosenberg (*apud* Berman, 1986), é o grande palco da contradição e da dialética. Ao negar a tradição uma voz se sobressai à outra e assim sucessivamente até que essa miscigenação de vozes não permita um regresso às origens, ocorre então uma dialética do ser.

Considerações finais

Na compreensão desse conturbado contexto dicotômico de modernidade e pós-modernidade é necessário posicionar o sujeito nessa trama de relações que são (re)significadas a cada instante dada as múltiplas relações entre ser social e ser político. As sociedades movimentam ideologias sem fim para que os sujeitos tenham um aspecto moldável a ponto de negar a sua própria existência e sucumbir aos interesses sociais.

Esse princípio, porém, é constituído também pelas vozes e pelas tradições, elementos indissociáveis do sujeito histórico e é historicamente que os mecanismos de dominação passam a figurar na cultura e na sociedade para neutralizar os sujeitos e significar suas existências baseando-se em princípios morais que, segundo Berman (1986, p. 31), agem diretamente na desfiguração da autonomia e na dignidade de suas atividades.

> O problema estava em que o modernismo pop nunca desenvolveu uma perspectiva crítica que pudesse esclarecer até que ponto devia caminhar esta abertura para o mundo moderno e até que ponto o artista moderno tem a obrigação de ver e denunciar os limites dos poderes deste mundo.

Nesse sentido, essa abertura para o mundo permite uma gama de significados para os sujeitos que precisam agora aprender a lidar com esse

aglomerado de sentidos que a sociedade visa impregnar à constituição histórico-social dos seres humanos.

Na literatura não é diferente, a condição do romance se desenha nessa fronteira entre a solidez do pensamento tradicional e a inconstância do pensamento da transição modernidade/pós-modernidade.

Nesse contexto, a sociedade repele qualquer posição de neutralidade dos sujeitos. Ao fazer o retrocesso histórico pensando nos períodos do desenvolvimento das sociedades, Santos (1994) mostra o quanto o capitalismo e sua consequente liberalidade, organização ou desorganização conduziu todo o ideal de progresso científico e tecnológico que a humanidade já presenciou e nesse sentido o capitalismo, por muito tempo, se tornou um mal necessário à organização social e o desenvolvimento do homem.

Toda essa construção sócioideológica é fruto desses sistemas em que tudo age na tendência da força cultural e simbólica; as forças são injustas e desproporcionais, como também o são os interesses das classes e essa transição cultural, a princípio, pouco tem contribuído para a fixação de papéis e interesses das classes, pois tudo indica que a pós-modernidade será uma versão da modernidade com promessas mais audaciosas, mas que ainda não há indícios para se acreditar em seu cumprimento.

Referências

ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.

BAKHTIN, Mikhail. (1929) *Problemas da poética de Dostoievski.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. (VOLOCHÍNOV) *Marxismo e filosofia da linguagem.* 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar:* a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio***.** 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSTA, Sebastião Patrício Mendes. *Boaventura de Sousa Santos, ciência, crise e transição paradigmática:* um discurso sobre as ciências ou sobre nós mesmos? Revista Arquivo Jurídico. Teresina – PI, V.01, N.07 Julho /

Dezembro 2014. ISSN: 2317-918.
<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/raj/article/view/2298 > Acesso em 12 jul 2015.

GONÇALVES, Maurício Bernardino. *Boaventura de Sousa Santos e a pós-modernidade de contestação:* algumas notações marxistas. Revista digital Aurora, Marília, n. 8, agosto de 2011. Ano V. ISSN: 1982-8004.
<www.marilia.unesp.br/aurora> Acesso em 18 jul 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PIRES, Vera Lúcia. *Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin.* Revista digital Organon (UFSM), Porto Alegre-RS, V. 16, n. 33 – 34. 2002. ISSN: 2238-8915.
<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29782> Acesso em 12 jul 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice:* o social e o político na pós-modernidade. 5ª ed. Porto (PT): Afrontamentos, 1996.

_____. *Introdução a uma ciência pós-moderna.* São Paulo: Graal, 2003.

[i] E-mail do autor: fernando.henriquepr@hotmail.com